

## O ENCANTADO ESPÍRITO DAS ROUPAS

Jurandir Ferreira

Estas linhas visam dar a nossos leitores a notícia de que o esperado **O espírito das roupas: a moda no século XIX**, de Gilda de Mello e Souza, acaba de aparecer pela Editora Companhia das Letras, de São Paulo, com apoio cultural da Metal Leve.

Gilda de Mello e Souza foi uma das primeiras mulheres a se formarem na Universidade de São Paulo, em 1939, e é hoje conhecida e respeitada como uma das figuras dianteiras nas classes intelectuais e universitárias do país. Orientada quando menina por seu parente e mestre Mário de Andrade, teve também nas faculdades que freqüentou a influência de professores franceses, como Roger Bastide e Claude Levi-Strauss. Suas obras anteriores, como **O tupi e o alaúde** (1979) e **Exercícios de leitura** (1980) confirmam suas aptidões de ensaísta, sua cultura e talento. Há que lhe reservar na inteligência brasileira um lugar de eminência tão destacado como se tem visto o nome de algumas grandes mulheres letradas da França contemporânea. Portanto, não será preciso dizer que **O espírito das roupas** não é um espírito leviano, mas, ao contrário, é sério. E a despeito de tal seriedade, oferece com suas muitas agudezas e sutilezas de idéias uma leitura capítosa.

Com o título de "Pano para Manga" abre o livro o belo prefácio de Alexandre Eulálio. A seguir, um trecho de Carlyle, em **Sator Resartus**, no qual se compara **O espírito das leis**, de Montesquieu, ao espírito das roupas e onde se afirma que nem como costureiro nem como legislador o homem age por mera casualidade e sim por obediência a um misterioso processo mental.

Até onde alcançam nossas veteranas vistas de bibliômano, o volume trata de matéria ainda não versada nas letras nacionais. Admira saber que esta obra excelente, com tudo aquilo com que hoje ela se publica, deriva de uma tese de doutoramento em Ciências Sociais, há 37 anos, quando a autora estava ainda no que se chama de descuidosa juventude. "O que eu mais queria era ser escritora", disse ela ao jornalista Sérgio Augusto, mas acabou envolvendo-se com todos os ramos do que são as humanidades, no presente. "Ficou o amor pela língua", confessa. Amor que vemos, em suma, bem cultivado. A linguagem fina, sábia, correta e

desataviada, tem a firmeza e a densidade que bem assentam ao torneio das coisas históricas, como esse esmerado ensaio sobre as modas do século XIX. Ali nunca a escritora redoura a frase, mas a depura no ofício da clareza. Límpida e hialina, é como o vidro temperado que se compara ao aço. Há uma realidade vocabular como que metálica e heráldica ao mesmo tempo e a propósito, de resto, para significar ou para conviver ao lado dessas fidalguias com que sempre estamos comprometidos e que são as elegâncias da vestimenta, aquelas que podem fazer de um pé-rapado um príncipe. “A moda é dos instrumentos mais poderosos de integração e desempenha uma função niveladora importante ao permitir que o indivíduo se confunda com o grupo” (pág. 130). Este, que a miúdo se busca, deve ser o mais qualificado ou o mais forte para que confira um satisfatório “status”.

Assim como o século XIX se faz notar pelos engalanados refinamentos da moda, com a ascensão e o predomínio da burguesia, surgem hoje as “jeans” com as quais a moça rica, “por instinto de autopreservação”, se disfarça de proletária, a classe politicamente forte nos dias que correm. E, segundo Thomas Mann, politicamente e socialmente são a mesma coisa.

**O espírito das roupas** não traz até nós apenas roupas com os seus acessórios. Traz uma infinidade de idéias e conceitos correlatos. As modas são ali um constante pretexto para o alargamento de nossas vistas através do tempo, através dos homens e das coisas do mundo. Não tivesse Gilda de Mello e Souza a erudição que tem e que pode ser avaliada no bem cuidado e copioso índice bibliográfico com o qual remata este livro superenriquecido por tantas e tão pitorescas ilustrações. Livro raro, que se destina a almas raras, como todos nós cuidamos ser.